

CONSTRUÇÕES PSEUDOCLIVADAS EM RUSSO E EM PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE CONSTRUCIONISTA¹

Diego Leite de Oliveira*

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise contrastiva de construções pseudoclivadas do russo e do português em uma perspectiva construcionista (cf. LANGACKER, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT 2001; BYBEE, 2010; DIESSEL, 2015). Comparam-se os nós de construções pseudoclivadas do português e do russo na rede construcional, principalmente no que diz respeito à propriedade de inversão de constituintes da construção. Em português verifica-se que essa propriedade é aceitável, o que se observa a partir da existência, além das assim chamadas pseudoclivadas clássicas ou canônicas, de construções pseudoclivadas invertidas e extrapoladas. Em russo, a inversão é inaceitável, de modo que só a construção pseudoclivada clássica é permitida. Uma análise contrastiva, baseada na noção de domínio potencial de foco (cf. LAMBRECHT, 1994; VAN VALIN, 1999), permitiu depreender que o russo possui domínio de foco mais rígido do que o português, o que torna inaceitáveis construções pseudoclivadas cujo domínio de foco ocorra em posição inicial em língua russa.

Palavras-chave: Pseudoclivadas; Foco; Russo; Português; Gramática de Construções.

Abstract: This paper presents a contrastive analysis of Russian and Portuguese pseudo-cleft constructions under a constructionist perspective (LANGACKER, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT 2001; BYBEE, 2010; DIESSEL, 2015). The nodes of pseudo-cleft constructions in both languages in the constructional network are compared, mainly with respect to the property of inversion of construction constituents. In Portuguese, this property is acceptable, what can be observed from the existence of inverted and extrapolated pseudo-clefts, in addition to classical or canonical pseudo-clefts constructions. In Russian this property is unacceptable, so that only the classic pseudo-cleft construction is permitted. A contrastive analysis, based on the notion of potential focus domain (LAMBRECHT 1994, VAN VALIN 1999), allowed us to infer that Russian has a more rigid potential focus domain than Portuguese, which rejects pseudo-cleft constructions in which the focus domain occurs in an initial position in Russian.

Keywords: Pseudo-cleft; Focus; Russian; Portuguese; Construction Grammar.

Introdução

Até finais da década de 90, as análises linguísticas construcionistas (FILLMORE 1985, LAKOFF 1987, FILLMORE, KAY e O'CONNOR 1988, GOLDBERG 1995)

¹ Agradeço aos pareceristas anônimos pela contribuição na revisão deste artigo, o que enriqueceu o conteúdo do artigo. Qualquer falha na composição do texto evidentemente são de inteira responsabilidade do autor.

*Professor Adjunto do Departamento de Letras Orientais e Eslavas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
E-mail: diegooliveira@letras.ufrj.br

concentravam-se primordialmente em fenômenos da língua inglesa, apesar de seu grande potencial de extensão para outras línguas². A partir da primeira década dos anos 2000, observa-se o crescimento na aplicação dessa abordagem aos mais diversos tipos de línguas, assim como uma discussão mais aprofundada sobre tipologia e universais linguísticos (cf. CROFT, 2001; FRIED E ÖSTMAN, 2004; BOAS, 2010).

O potencial tipológico da Gramática de Construções se coloca sobremaneira no trabalho de Croft (2001), para quem as construções devem ser consideradas como primitivos linguísticos. Outros trabalhos também relevantes para essa questão referem-se a estudos contrastivos, desenvolvidos nas últimas duas décadas (HILPERT, 2010; GOLZALVEZ-GARCIA E BOAS, 2014). No entanto, muito deve ainda ser feito em termos de descrição linguística e estudos contrastivos e tipológicos em Gramática de Construções.

Este artigo apresenta o começo de um estudo contrastivo entre duas línguas indo-europeias, no que diz respeito ao uso de construções pseudoclivadas: por um lado o russo, uma língua eslava oriental e, por outro, o português brasileiro, uma língua românica. O principal objetivo da pesquisa é identificar de que forma a estrutura da informação de ambas as línguas pode ser considerada diante da análise das construções pseudoclivadas, nos termos da tipologia flexibilidade/rigidez da estrutura sintática vs flexibilidade/rigidez da estrutura de foco, sugerida por Van Valin (1999). A hipótese a ser delineada aqui é a de que, como o russo e o português representam tipos distintos em termos de flexibilidade da estrutura focal, o russo apresenta restrições formais no uso de construções pseudoclivadas, que não são observadas em português brasileiro. A comparação apresentada revela questões importantes quanto ao papel da estrutura da informação na delimitação de uma construção gramatical.

O artigo está dividido da seguinte forma: primeiramente, apresento um panorama sobre o uso de construções clivadas do russo e do português e sua distribuição em rede, concentrando-me, em uma seção posterior, no uso das pseudoclivadas. Em seguida, busco a motivação construcional para a emergência de pseudoclivadas nas duas línguas e, finalmente, discuto a tipologia rigidez/flexibilidade das estruturas sintática e de foco, sugerida por Van Valin (1999) e aqui aplicada às duas línguas, analisando como a flexibilidade ou rigidez da estrutura de foco pode ser utilizada para explicar as restrições formais observadas no uso de construções pseudoclivadas do russo. Para concluir, algumas considerações e encaminhamentos são apresentados.

²A propósito, cf. Hoffman (2017)

Construções pseudoclivadas: análise contrastiva entre o russo e o português brasileiro

Inicialmente, a propósito do conceito de clivagem, cabe apresentar a caracterização sugerida por Lambrecht (2001), que visa a dar conta da expressão de uma proposição lógica simples por meio de uma estrutura bioracional:

UMA CONSTRUÇÃO CLIVADA³ (CC) é uma estrutura sentencial complexa que consiste em uma oração matriz cujo núcleo é uma cópula, e uma oração relativa ou tipo relativa, cujo argumento relativizado é coindexado com o argumento predicativo da cópula. Juntas a matriz e a relativa expressam uma proposição logicamente simples, sem alteração das condições de verdade. (Lambrecht 2001:467)⁴

De acordo com a definição de Lambrecht (2001), sob o rótulo de construções clivadas pode-se considerar o conjunto de expressões do português e do inglês que englobam as assim chamadas *it-clefts* e *wh-clefts* do inglês, comumente rotuladas no Brasil como clivadas e pseudoclivadas (cf. PRINCE 1978, LAMBRECHT 1988, 2001, BRAGA 2009, QUAREZEMIN 2009, PATTEN 2010, BRAGA ET AL. 2013). Em português brasileiro, Braga (2009) e Braga et al. (2013) propõem que existem duas famílias de construções clivadas: aquela composta por uma palavra QU invariável⁵ (semelhante ao grupo das *it-clefts* no inglês), a qual marcaria o constituinte focalizado obrigatoriamente na periferia esquerda da sentença, tal como é possível conferir nos exemplos (1), (2) e (3) abaixo, em itálico, extraídos de Braga et al. (2013, p 36-37), e aquela composta por uma palavra QU variável (semelhante ao tipo *wh-cleft*), sem estabelecer uma posição obrigatória para o constituinte focalizado⁶, tal como nos exemplos (4), (5) e (6), também em itálico, contidos em Braga (2009, p. 180). A língua russa, por sua vez, exibe um conjunto de construções clivadas bastante restrito, englobando apenas o tipo *wh-cleft*⁷, com variações na presença ou ausência da partícula

³ Caixa alta no texto original.

⁴ A CLEFT CONSTRUCTION (CC) is a complex sentence structure consisting of a matrix clause headed by a copula and a relative or relative-like clause whose relativized argument is coindexed with the predicative argument of the copula. Taken together, the matrix and the relative express a logically simple proposition, which can also be expressed in the form of a single clause without a change in truth conditions.

⁵ No caso trata-se da palavra “que” inerente às construções “clivadas canônicas”, construções “ser que” e construções “que”.

⁶ Em uma breve discussão sobre a definição de clivadas, autor e outros (2013) defendem a dificuldade de as definições existentes para a construção clivada não darem conta de todas as suas possibilidades de manifestação em português brasileiro. Observe-se, por exemplo, o caso da construção QUE, que em português brasileiro carece de uma cópula e, além disso, não constitui uma estrutura bioracional.

⁷ cf. Leite de Oliveira (2017)

enfática *tak*, como mostram os exemplos (7) e (8), presentes em Leite de Oliveira (2017, p. 117)⁸:

(1) Se não der, eu ir arranjar uma coisa melhor para mim viver minha vida, eu sozinha, sabe? sem ter que morar na casa dos outros. *É isso que eu quero* (05, f)

(2) F: E nós dizemos em Minas que *o carioca é que puxa o “s”*. (27, f)

(3) F: Ah! Porque eu sou preso, eu fui preso uma vez, eu sou revoltado, vou sair daqui metendo bronca *ai que eu vou assaltar mesmo!*” (05,f)

(4) E eu não estava com a chave. *Quem estava com a chave era o jardineiro*. (Amostra 80, fal 18, mulher)

(5) *Bife é o que mais caro sai hoje em dia na cozinha*. Porque você suja o fogão. (Amostra 80, fal 48, mulher)

(6) F: Eu digo: “ Olha, *não fui eu quem tirou a medida* , foi sua mãe.”
(Amostra 80, fal. 18, mulher)

(7) *Kto za god peremeni-l-sia éto Volódia.*
Quem em ano mudar-PAS-REF DEM/COP Volódia.
Quem mudou em um ano foi Volódia.

(8) *Tchto oní liúbiat tak éto rodnói iazyk.*
O que 3PL gostar-3S PAR DEM/COP pátria língua
O que eles gostam é da língua materna.

Em um trabalho seminal sobre a sintaxe do inglês, Jespersen (1984 [1937], p.147) salienta o caráter enfático das construções clivadas, em que se verifica a finalidade de “destacar um elemento da sentença e chamar atenção especial para ele”. O autor, além disso, discorre sobre a relação entre a ordem vocabular das línguas e o potencial uso de construções clivadas. Nesse sentido, línguas com ordem vocabular relativamente rígida, como o inglês, permitiriam o uso mais abundante desse tipo de construção, como uma forma de neutralizar possíveis desvantagens comunicativas, impostas pela rigidez da ordem vocabular. Por outro lado, línguas com ordem vocabular relativamente mais flexível tenderiam a não utilizar construções clivadas tão frequentemente ou nem mesmo dispor desse tipo de estratégia. Sendo o russo uma língua com ordem vocabular mais flexível do que o inglês, pode-se

⁸ Abreviações da glosa para os dados do russo; AC: acusativo; COP: cópula; DEM: demonstrativo; FEM: feminino; FOC: foco; GEN: genitivo; PRF: perfectivo; PAS: passado; N: neutro; NOM: nominativo PAR: partícula; DAT: dativo; REF: reflexivo.

deduzir, a partir da argumentação de Jespersen (1984 [1937]), que essa língua não faria uso abundante ou “não apresentaria” construções clivadas em seu inventário de construções⁹.

No que se refere especificamente ao russo, pode-se concluir, a partir de uma análise quantitativa baseada em *corpus* (LEITE DE OLIVEIRA, 2017), que o uso de construções clivadas é relativamente escasso, confirmando parcialmente o argumento de Jespersen (1984 [1937]). Além disso, dentre as possibilidades de uso de clivadas observadas em línguas como o inglês e o português, em russo observa-se, como já dito, a ocorrência de apenas um tipo de construção clivada: a assim chamada *pseudoclivada*, apresentada nos exemplos (7) e (8), acima.

Em uma perspectiva construcionista, a língua pode ser entendida como um inventário estruturado de construções, definidas aqui como pareamentos convencionalizados de forma e significado/função (LANGACKER, 1987, LAKOFF, 1987, GOLDBERG, 1995, 2003, 2006, CROFT, 2001, DIESSEL, 2015). Esse inventário pode ser concebido na forma de uma rede, exibindo diversos tipos de elos entre as construções (DIESSEL, 2015)¹⁰. Se imaginarmos a rede de construções clivadas do português e do russo, será possível enxergar as configurações apresentadas na figura 1 abaixo, ilustrando o que foi dito acima acerca dos tipos de construções clivadas existentes nessas línguas.

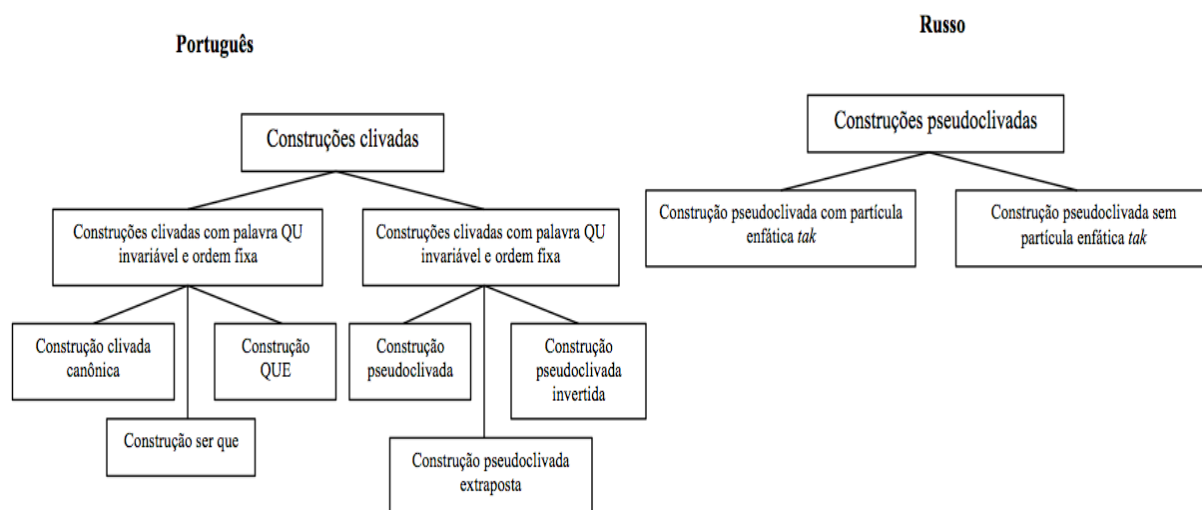


Figura 1. Rede de construções clivadas do português e do russo

⁹ Cabe salientar que Jespersen menciona as línguas eslavas em sua argumentação, mas não diz nada especificamente sobre o russo. Além disso, não menciona a língua portuguesa em seu trabalho.

¹⁰ É bastante comum em Gramática de Construções o estudo dos elos taxonômicos, postulados por todas as vertentes da GC. Há, no entanto, e principalmente em vertentes da GC baseadas no uso, o estudo de outros elos, tais como os horizontais, que tratam das relações semânticas e estruturais entre construções distintas, os sintáticos, que preveem a emergência de categorias sintáticas a partir do contato com construções mais concretas e os elos lexicais, elos associativos entre construções e itens lexicais específicos.

No quadro acima, temos a rede de construções clivadas do russo e do português, cujos exemplos representativos de cada nó foram apresentados de (1) a (8). Este trabalho se debruça especificamente sobre as construções pseudoclivadas, uma vez que esse é o único tipo passível de comparação nas duas línguas analisadas. As construções pseudoclivadas, tanto em russo como em português, à luz do referencial teórico da Gramática de Construções (cf. LANGACKER, 1987; LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006; BYBEE 2010; DIESSEL, 2015) serão tratadas como pareamentos de forma e significado/função, que podem ser esquematizados, do ponto de vista estrutural, em um nível mais abstrato, tal como em (9):

(9) [QU_i-X CÓPULA Y_i]

De acordo com o esquema mostrado em (9), é possível observar, do ponto de vista formal, a presença de uma palavra QU que encabeça uma oração X, seguida de um elemento que funciona como cópula e, por fim, um elemento Y, que consiste no constituinte focalizado. Cabe salientar que o elemento Y deve estar coindexado com a palavra QU que encabeça a construção.

Em português, o esquema apresentado acima pode ser mais bem especificado se nos valermos do esquema detalhado em (10), abaixo:

(10) [QU_i-X SER_{flex} Y_i]

Em (10), observa-se uma palavra QU, que pode se referir tanto a entidades animadas como inanimadas¹¹. Além disso, a oração X encabeçada pela palavra QU exibe configurações variadas e graus diversificados de transitividade. O elemento copulativo em construções pseudoclivadas do português é obrigatoriamente o verbo ser, que exibe flexão modo-temporal e número-pessoal e geralmente está correlacionado com o verbo da oração X, que antecede a cópula. Por fim, a construção apresenta um elemento Y, que pode consistir tanto em um SN substantivo ou SN pronominal¹². Os exemplos (11) e (12) abaixo, extraídos do Corpus do Português, ilustram construções pseudoclivadas do português brasileiro.

¹¹ São possíveis também referências a tempo e lugar. Contudo, são menos frequentes e não foram consideradas nesta pesquisa.

¹² São menos frequentes, embora possíveis, ocorrências com SPrep e SAdv, assim como orações, as quais não foram consideradas neste trabalho por não terem sido encontradas na análise de corpus empreendida.

(11) A Idade Média tem muita expressividade quanto à Arquitetura, Economia, Artes, Política, Tecnologia e eu poderia citar muitos outros tópicos, mas *o que me encanta é a Filosofia*. [Corpus do Português - Ponto de Vista – UOL – Blog]

(12) Orlando António Gomes 10/06/13 às 12:36 pm: nunca abandone a pessoa que te ama, pois é muito ruim isso, já passei por isso. *E quem foi abandonada fui eu*. [Corpus do Português – Conheça dicas para conquistar um amor – 007 Blog]

Em russo, por outro lado, o esquema apresentado em (9) pode ser mais bem especificado da forma apresentada em (13), abaixo:

(13) [QU_i-X (*tak*) ETO Y_i]

No esquema sugerido para a língua russa, também é possível observar, em posição inicial na construção, uma palavra QU, que pode se referir tanto a entidades animadas como inanimadas, também seguida por uma oração com graus de transitividade variados, inclusive orações não verbais¹³. Diferentemente do português, que apresenta uma cópula verbal no *slot* de elemento copulativo, o russo exibe um componente híbrido que compartilha propriedades inerentes a uma cópula, mas apresenta a forma de um pronome demonstrativo e é invariável (LEITE DE OLIVEIRA, 2013, 2017). Esse elemento pode ser acompanhado ou não da partícula enfática *tak*. O elemento Y, por sua vez, corresponde ao constituinte focalizado e pode ocorrer na forma de um SN substantival ou pronominal. Os exemplos abaixo ilustram construções pseudoclivadas em russo.

(14) [CNLR – 2003 – conversa informal]

Tchto proizoch-l-ó za posliédnieie vriémia, tak
o que acontecer.PRF-PAS-N em último tempo PAR

éto publikátsiia gromádn-ogo kolítchestv-a tiékst-ov
COP/FOC publicação enorme-GEN quantidade-GEN textos-GEN

O que aconteceu ultimamente foi a publicação de uma enorme quantidade de textos.

¹³ A propósito de orações não verbais, cf. Kopotiev (2007) e Autor (2017).

(15) [CNLR – 1950 – conto]

K-omú *on* *zavídova-l* *éto* *sanitar-am*
quem-DAT 3S invejar-PAS COP/FOC enfermeiro-DAT.PL

De quem ele tinha inveja era dos enfermeiros.

Do ponto de vista do significado, construções pseudoclivadas vêm sendo analisadas sob perspectivas variadas, que salientam a leitura focal e a função contrastiva (JESPERSEN 1984 [1937], CHOMSKY 1970, HIGGINS 1976, PRINCE 1978, LAMBRECHT 1994, 2001). Desse modo, aqui consideramos a definição sugerida por Lambrecht (1994, p. 213) em relação à categoria de foco, a qual vem sendo adotada para compreender as construções clivadas nas línguas analisadas. Para o estudioso, foco consiste no componente semântico de uma proposição pragmaticamente estruturada, em que a asserção difere da pressuposição. Assim, Lambrecht (1994, p. 52) define uma pressuposição pragmática como o conjunto de proposições evocadas de forma léxico-gramatical em uma sentença, que o falante assume que o interlocutor já conheça no momento de sua enunciação. A asserção pragmática, por sua vez, é definida como a proposição expressa em uma sentença que se espera do ouvinte conhecer somente a partir do momento em que ouve a sentença enunciada. Nesse sentido, ao analisar construções clivadas, Lambrecht (2001) propõe uma análise semântico-pragmática, que considere as definições supracitadas para as categorias de foco, pressuposição e asserção pragmáticas.

Assumindo os exemplos (11) e (15) acima apresentados, podemos interpretar a estrutura semântico-pragmática das pseudoclivadas em português e em russo da forma expressa em (16) e (17), abaixo, respectivamente:

(16) *o que me encanta é a Filosofia.*

Pressuposição: x me encanta.
Asserção: x = Filosofia.
Foco: Filosofia.

(17) *Komú* *on* *zavídoval* *éto* *sanítár-am*
quem-DAT 3S invejar-PAS COP/FOC enfermeiro-DAT.PL
De quem ele tinha inveja era dos enfermeiros.

Pressuposição: *On zavídoval* x. (ele tinha inveja de X)
Asserção: x = *sanítaram* (enfermeiros).
Foco: *sanítaram* (enfermeiros)

De acordo com (16) e (17), as construções clivadas evocam uma pressuposição, na qual figura uma variável x ¹⁴. O papel da asserção é informar que essa variável x em dado contexto pode ser identificada por uma forma linguística que denota um referente. O foco da construção, por sua vez, seria justamente o componente que permitiria diferenciar pressuposição e asserção, no caso do português, “Filosofia”, e no caso do russo, “*sanitaram*”. Esse tipo de configuração focal vem sendo caracterizado nas línguas do mundo como foco argumental (cf. LAMBRECHT, 1994, 2000, 2001; VAN VALIN E LAPOLLA, 1997; VAN VALIN, 1999) e sua função vem sendo considerada identificacional (LAMBRECHT, 2001; PATTEN, 2010).

Motivação e relação taxonômica em construções QU do russo e do português

Um dos compromissos da Gramática de Construções como um modelo de arquitetura gramatical é a busca pela motivação (funcional e/ ou estrutural) para a existência de construções na língua. Descritos de forma breve, na seção anterior, os aspectos da forma e do significado/função das construções pseudoclivadas do russo e do português, postulo, nesta seção, que esse tipo de construção em ambas as línguas analisadas é motivado por uma relação expressa em termos de herança múltipla, que assegura à construção a sua função de identificação de uma variável x em uma pressuposição. Para compreendermos o que isso quer dizer, voltemos o nosso olhar para o termo *herança*.

Herança em uma abordagem construcionista foi o termo adotado a partir da literatura especializada em linguagem de programação e inteligência artificial¹⁵. Essa noção pode receber outros rótulos na literatura cognitivista ou em trabalhos construcionistas recentes, tais como relações *based-on* (LAKOFF 1987), relações de dominância (WILENSKY 1986) ou simplesmente *relação taxonômica* (cf. LANGACKER 1987, CROFT 2001, BOAS 2010, DIESSEL 2015). De acordo com essa concepção, se uma construção A compartilha propriedades formais e semântico-pragmáticas com uma construção mais geral ou abstrata B, pode-se dizer que a construção A herda propriedades da construção B, sendo possível postular um elo associativo, em termos taxonômicos, entre a construção A e a construção B, tal como é possível observar a partir da figura 2 abaixo, a título de exemplo:

¹⁴ Neste trabalho utilizo a letra minúscula x para indicar uma variável em uma pressuposição. A letra maiúscula X é utilizada para designar uma variável em termos de forma em uma construção.

¹⁵ Para maiores informações sobre o termo herança, cf. Wilensky (1986), Jurafsky (1992) e Goldberg (1995).

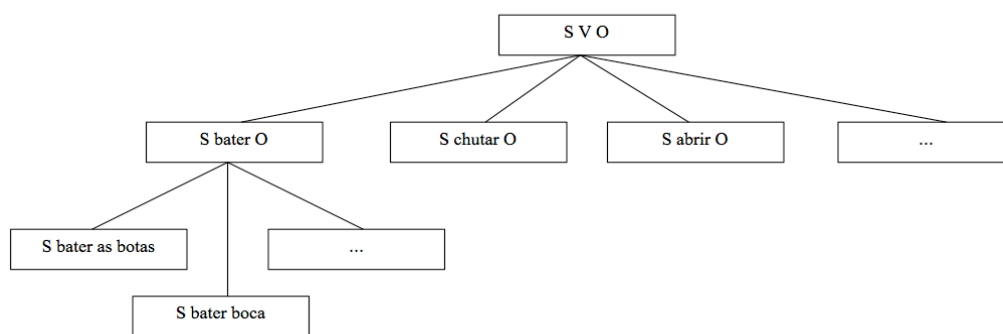


Figura 2. Representação de relações de herança única entre nós na rede construcional

Na figura 2, é possível observar uma representação simplificada da rede de construções transitivas da língua portuguesa. De cima para baixo, observa-se o nó da construção transitiva abstrata SVO¹⁶, da qual herdam propriedades construções transitivas mais específicas da língua. Essa construção abstrata tem como especificações, no polo da forma, a presença de um sujeito, seguido de um verbo e, por fim um objeto direto, e, no polo do significado, a presença de um agente que age diretamente sobre um paciente. Esse modelo abstrato de construção encontra-se em uma relação de herança com os nós mais específicos, permitindo construções variadas, com níveis diversos de abstração. Mais abaixo é possível observar, por exemplo, os nós de construções com os verbos bater, chutar, abrir, entre outros (representados por reticências). Se tomarmos especificamente o nó de construções com o verbo bater, veremos que é possível postular construções ainda mais específicas como nós na rede construcional, dado o seu caráter idiossincrático e a necessidade de maior especificação formal e ou semântica. Observa-se, portanto, a construção “S bater as botas”, cujo significado não pode ser previsto a partir de uma perspectiva composicional. O mesmo se pode dizer em relação a “S bater boca”. Considerando-se a figura apresentada, é possível afirmar que a rede construcional da oração transitiva se organiza de tal forma, que nós mais específicos na rede herdam as propriedades de nós mais abstratos. Assim, pode-se dizer que a construção “S bater boca” herda propriedades da construção transitiva com o verbo bater, a qual, por seu turno, herda propriedades da construção transitiva abstrata “S V O”.

Aqui observamos um modelo de herança única, no qual os nós representados na rede herdam propriedades de apenas um nó em um nível superior de abstração. No entanto, na língua também pode ocorrer herança múltipla, quando uma construção herda propriedades de mais de um nó em nível superior de abstração. É o caso das construções pseudoclivadas do

¹⁶ É possível conferir descrição semelhante para o inglês em Croft (2001).

russo e do português, em que é possível postular que tais construções herdaram propriedades tanto de construções de identificação do tipo X COP Y, como de uma construção QU X abstrata, como ilustrado na figura 3.

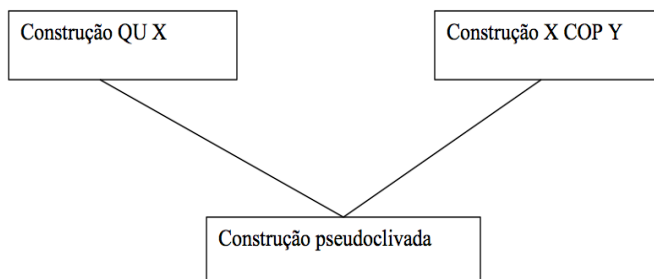


Figura 3 Representação da herança múltipla na rede construcional

As especificações semânticas inerentes à construção de identificação X COP Y requerem a presença de um participante que funcione como IDENTIFICADO e de um participante que funcione como IDENTIFICADOR, relacionados por meio de um processo intensivo de identificação¹⁷. Nesse sentido, o participante IDENTIFICADO seria mapeado na forma do constituinte X, ao passo que o participante IDENTIFICADOR seria mapeado na forma do constituinte Y. Os exemplos (18) e (19), do português e do russo, ilustram o que se tem por construção de identificação simples (cf. Halliday 2014, para uma leitura em inglês, e LEITE DE OLIVEIRA, 2017, para uma leitura em português aplicada especificamente às pseudoclivadas), com os participantes IDENTIFICADOR e IDENTIFICADO. Nelas o primeiro elemento é apresentado na cena como já conhecido ou pressuposto, mas carecendo de algum tipo de identificação. Nesse sentido, o elemento que segue a cópula é apresentado com vistas a trazer algum tipo de identificação do elemento pressuposto.

(18) [Corpus do Português - Ponto de Vista – UOL – Blog]

IDENTIFICADO	PROCESSO	IDENTIFICADOR
meu problema	é	<i>falta de atenção.</i>

(19) [LEITE DE OLIVEIRA, 2017, p.153]

¹⁷A propósito das construções de identificação, valho-me da proposta de Halliday (2014, p 276). Halliday desenvolve um sistema de transitividade de representação de cenas do mundo físico, do mundo da consciência e do mundo das relações abstratas. Nesse caso a transitividade seria marcada por meio de processos que, para o autor, são basicamente cinco, em inglês: material, mental, verbal, existencial, comportamental e relacional. Este último se subdivide em processos intensivos (atributivos e identificacionais), circunstanciais e possessivos. As construções a que me refiro como construções de identificação são abrigadas pelo grupo de processos relacionais intensivos de natureza identificacional.

IDENTIFICADO			PROCESSO	IDENTIFICADOR
<i>Samaia</i>	<i>vyssókaia</i>	<i>dótkha</i>	<i>éto</i>	<i>Sácha.</i>
própria	alta	filha	DEM/COP	<i>Sacha</i>
A filha mais alta é a <i>Sacha</i> .				

Já as especificações semânticas inerentes à construção QU X requerem que X seja capaz de evocar uma pressuposição pragmática nos termos do referido Lambrecht (1994), de tal maneira que a palavra QU remeta a um participante a ser identificado (cf. LEITE DE OLIVEIRA, 2017, p. 145-149). Nesse sentido, as especificações semânticas da construção QU X adequam-se às especificações semânticas do constituinte X na construção de identificação, nos moldes da interpretação sugerida por Lambrecht (2001) e abordada nos exemplos (16) e (17) acima, tal como a figura 4 e os exemplos de (20) a (25) buscam ilustrar:

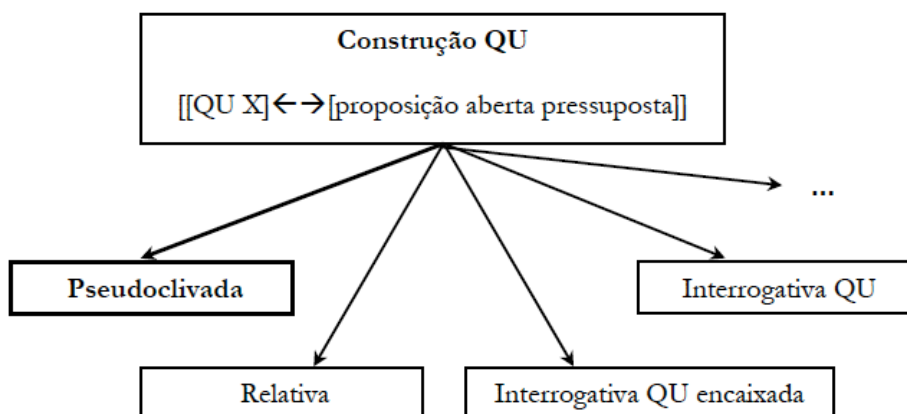


Figura 4. A construção QU abstrata e a relação de herança com outras construções.

(20) Construção interrogativa QU [português]

Quem chegou?

(21) Construção interrogativa encaixada [português]

Eu sei quem chegou.

(22) Construção relativa [português]

O menino *que chegou* se chama Ivan.

(23) Construção pseudoclivada [português]

Quem chegou foi Ivan.

(24) Construção interrogativa [russo]

Kto kupil é-t-u machín-u?
 quem comprar.PRF-PAS esse-AC.F carro-AC
Quem comprou esse carro?

(25) Construção interrogativa encaixada [russo]

Iá voobche nié znáiu, kto kupil é-t-u machín-u.
 1S em geral NEG saber-1S quem comprar.PRF-PAS esse-AC.F carro-AC
 Eu realmente não sei *quem comprou esse carro.*

(26) Construção relativa [russo]

Oní bý-l-i rád-y za tchieloviék-a, kto kupil é-t-u machín-u.
 3PL ser-PST-PL alegre-PL por pessoa-DAT que comprar.PRF-PAS esse-AC.F carro-AC
 Eles ficaram alegres com a pessoa que comprou esse carro.

(27) Construção pseudoclivada [russo]

Kto kupil é-t-u machín-u, tak eto Vássia.
 Quem comprar.PRF-PAS esse-AC.F carro-AC ENF COP/FOC Vássia
 Quem comprou esse carro foi o Vássia.

De (20) a (27) é possível verificar, nesta ordem e em itálico, as seguintes construções: interrogativa QU, interrogativa QU encaixada, relativa e clivada QU do português, seguidas das construções correspondentes em língua russa, na mesma ordem. Embora constituam construções diferentes, em línguas diversas, utilizadas em contextos distintos para fins específicos, é possível observar algumas propriedades em comum entre elas, a saber, o uso de uma palavra QU ou pronome relativo/interrogativo, acompanhado de uma oração, do ponto de vista da forma, e a evocação de uma pressuposição, do ponto de vista semântico-pragmático. Nos exemplos do português, a pressuposição comum é a de que alguém chegou (X chegou). Nos exemplos do russo, a pressuposição comum é a de que alguém comprou um carro (X comprou um carro). Isso faz com que seja possível sugerir o quadro de abstração presente na figura 4, em que as micro-construções instanciadas pelos exemplos de (20) a (27) herdaram propriedades de um modelo mais esquemático QU-X para expressar pressuposições com um elemento x a ser identificado nas línguas.

É a combinação entre as especificações semânticas da construção QU-X e da construção X COP Y que permite as condições adequadas para a emergência da construção

pseudoclivada, cuja especificação semântica é a identificação de uma variável x em uma pressuposição. No caso da construção pseudoclivada, o participante IDENTIFICADO seria mapeado no bloco constituído pela combinação QU-X, que para Halliday (1967, 2014) consiste em uma nominalização, e o participante IDENTIFICADOR seria mapeado na forma do constituinte Y, tal como os exemplos (28) e (29) visam a ilustrar:

(28)

Nominalização				
IDENTIFICADO				IDENTIFICADOR
<i>o que me encanta</i>			<i>é</i>	<i>a Filosofia</i>

(29)

Nominalização				
IDENTIFICADO				IDENTIFICADOR
<i>Komú</i>	<i>on</i>	<i>zavídoval</i>	<i>éto</i>	<i>sanítár-am</i>
quem-DAT	3S	invejar-PAS	COP/FOC	enfermeiro-DAT.PL
De quem ele tinha inveja			era	dos enfermeiros.

Uma vez motivada a construção pseudoclivada, tanto para o português como para o russo, cabe agora analisar as restrições formais observadas no russo, mas que não são observadas em português. Um olhar mais atento ao nó da construção pseudoclivada das duas línguas permite a observação de diferenças formais importantes e neste trabalho saliento apenas uma: a partir do nó de construções pseudoclivadas do português emergem construções pseudoclivadas invertidas e extrapostas, o que evidencia o fato de que as pseudoclivadas do português admitem inversão da ordem dos constituintes, permitindo a alocação do constituinte focalizado junto à periferia esquerda da construção, propriedade que é inaceitável em construções da língua russa (LEITE DE OLIVEIRA, 2017). Afinal, por que razão em português a inversão é aceitável e em russo não, considerando que tipologicamente o russo é tido como uma língua de ordem SVO livre? É o que pretendo discutir na próxima seção.

A tipologia rigidez/flexibilidade da estrutura sintática e da estrutura focal e restrições no uso de pseudoclivadas da língua russa

Os nós na rede construcional de pseudoclivadas do russo e do português apresentam semelhanças e diferenças. Se por um lado, as semelhanças envolvem a presença de uma

palavra QU variável em termos de animacidade e função sintática, orações com graus diversificados de transitividade, a presença de uma cópula e a coindexação entre o constituinte clivado e a palavra QU, por outro lado, o nó de construções pseudoclivadas do português, diferentemente do russo, parece não apresentar restrições em termos de mobilidade posicional do constituinte focalizado, como é possível observar nos exemplos abaixo:

(30) *Pseudoclivada clássica*

O que importa são as lembranças, mesmo que somente você se lembre. (Corpus do Português – UOL, Ponto de vista – blog)

(31) *Pseudoclivada invertida*

A cadela Kesha foi quem indicou à mãe o local em que a criança estava. (Corpus do Português – 180 graus – Jornal de notícias)

(32) *Pseudoclivada extraposta*

Foi ele quem lhe beijou os lábios longamente. (Corpus do Português – País do Carnaval – Jorge Amado)

Em (30), verifica-se uma pseudoclivada clássica em que a palavra QU encabeça a construção e o constituinte focalizado encontra-se ao final. Em (31), observa-se uma pseudoclivada invertida em que o constituinte clivado e a oração encabeçada pela palavra QU trocam de posição. Por fim, em (32) o que se vê é uma pseudoclivada extraposta, na qual a cópula e o constituinte clivado localizam-se na periferia esquerda, seguidos da oração encabeçada pela palavra QU. Em russo, Leite de Oliveira (2017) demonstrou, por meio da análise de *corpus* associada a testes de aceitabilidade aplicados a falantes nativos do idioma, que a mobilidade posicional da construção pseudoclivada é inaceitável. Diante dessa descoberta, cabe levantar o seguinte questionamento: o que está por trás dessa restrição formal inerente ao nó de construções pseudoclivadas da língua russa, diferenciando-a em relação à língua portuguesa?

Para tentar responder a esse questionamento valho-me da tipologia sugerida por Van Valin (1999), relativa à rigidez/flexibilidade sintática vs rigidez/flexibilidade da estrutura de foco em línguas naturais. Ao estudar a relação entre sintaxe e estrutura de foco, o estudioso sugere que existem línguas com estrutura sintática rígida e estrutura de foco flexível, como é o caso do inglês; línguas com estrutura sintática rígida e estrutura de foco também rígida, como é o caso do francês; línguas com estrutura sintática flexível e estrutura de foco rígida, como é o caso de setswana, uma língua banto, e, finalmente, línguas com estrutura sintática e estrutura de foco flexíveis, como é o caso do russo e do polonês. Como rigidez ou

flexibilidade da estrutura sintática, Van Valin (1999) considera a mobilidade da ordem vocabular na sentença e como rigidez ou flexibilidade da estrutura de foco, o estudioso considera a variabilidade na posição do que Lambrecht (1994, p. 214) denominou domínio de foco, ou seja, a posição sintática, na sentença, em que geralmente recai o foco da sentença.

Apesar de ter estabelecido sua tipologia de forma inicialmente discreta, Van Valin (1999) não exclui a possibilidade de que haja, na verdade, um contínuo na relação rigidez/flexibilidade da estrutura sintática e focal. É o que ocorre, por exemplo no russo, quando o estudioso identifica que, em sentenças declarativas, o domínio potencial de foco encontra-se em posição final na sentença, ao passo que, em construções interrogativas QU, o domínio potencial de foco está localizado em posição inicial (VAN VALIN 1999, p. 522). Dessa forma, e considerando a literatura sobre estrutura da informação e ordem vocabular em língua russa (cf. KOVTUNOVA, 1976; YANKO, 2001, 2008), assumo que o russo é uma língua com estrutura de foco relativamente flexível (pois varia apenas em relação a declarativas e interrogativas). Este não é o caso do português, língua em que o domínio potencial de foco parece ser mais flexível do que em russo, no que diz respeito a sentenças declarativas simples, como é possível observar a partir da sentença contida em (33):

(33) Maria abriu a porta.

Assumindo uma situação em que a sentença (33) é produzida em um contexto de foco argumental, a posição do constituinte focalizado em português pode variar. Caso o constituinte focalizado consista no objeto direto, a sentença como (33) focalizará o constituinte final. No entanto, não se pode afirmar categoricamente que somente constituintes finais possam ser interpretados como focalizados em português. Em situações de contraste, por exemplo, é possível que o foco ocorra em posição inicial, como sugere o exemplo (34):

(34) Falante 1: Pedro abriu a porta

Falante 2: Não, MaRIa abriu a porta¹⁸.

Além de expressar foco contrastivo prosodicamente, tal como na sentença (34), o português apresenta conjunto variado de estratégias de clivagem, que permitem a alocação do

¹⁸ Caixa alta dentro da palavra indica a posição onde recai o acento prosódico marcador de foco.

constituente focalizado tanto na periferia esquerda como ao final da sentença, como é possível observar nos exemplos que se seguem:

(35) Clivada canônica: Foi MaRIa que abriu a porta.

(36) Clivada “Ser que”: MaRIa é que abriu a porta.

(37) Construção “QUE”: MaRIa que abriu a porta.

(38) Construção pseudoclivada invertida: MaRIa foi quem abriu a porta.

(39) Construção pseudoclivada extraposta: Foi MaRIa quem abriu a porta.

(40) Construção pseudoclivada canônica: Quem abriu a porta foi MaRIa.

Em todas as sentenças de (35) a (39), o constituinte focalizado se encontra em posição não final e apenas na sentença (40) é que se observa o constituinte focalizado em posição final, diferentemente do que acontece em russo. Levando em consideração os exemplos do russo apresentados de (41) a (43), perceberemos a tendência de manutenção do constituinte focalizado em posição final¹⁹.

(41) *Mách-a* *otkry-l-a* *okN-Ó.*
 Macha-NOM abrir-PAS-FEM janela-AC
 Macha abriu a janela.

(42) *Okn-ó* *otkry-l-a* *MÁch-a.*
 janela-AC abrir-PAS-FEM Macha-NOM
 Macha abriu a janela.²⁰

(43) *Kto* *otkry-l-* *okn-ó,* *tak* *éto* *MÁch-a.*
 janela-AC abrir-PAS-FEM janela-AC PAR COP Maria-NOM
 Quem abriu a janela foi Macha.

¹⁹ As sílabas em caixa alta indicam a posição onde o acento prosódico marcador de foco recai.

²⁰ Deve-se atentar para o fato de que a glosa indica a manutenção do elemento Macha na posição final (A janela abriu a Macha, com Macha funcionando como sujeito), o que não foi possível manter na tradução para o português.

Em (41), o constituinte focalizado é o objeto direto *okno* (janela); em (42), o constituinte focalizado é o sujeito *Macha*; por fim, em (43), observa-se uma construção pseudoclivada, com o constituinte focalizado em posição final²¹. O que há em comum em todas essas construções é a localização do domínio de foco em posição final na construção. Em declarativas russas, a localização do domínio potencial de foco em posição outra que não a final tende a ser inaceitável ou considerada altamente marcada na língua.

Dessa forma, é possível afirmar que o domínio potencial de expressão do foco em português é mais flexível do que o domínio de expressão do foco em russo e, justamente por essa razão, o nó de construções clivadas do russo se restringe exclusivamente à construção pseudoclivada clássica, diferentemente de outras línguas. Considerando que em uma abordagem construcionista, o polo do significado/função também inclui aspectos como a estrutura da informação, é possível utilizar a estrutura da informação do russo para explicar as restrições formais que se evidenciam na rede de construções pseudoclivadas da língua russa, o que permite um questionamento interessante a ser trabalho de forma mais aprofundada futuramente: como dar conta da estrutura da informação em um modelo de arquitetura gramatical construcionista, considerando sua relevância para a descrição de construções gramaticais?

Considerações finais

Neste artigo, busquei apresentar uma breve análise comparativa de construções pseudoclivadas do russo, uma língua eslava, e do português brasileiro, uma língua românica, em uma perspectiva construcionista. Foram apontadas as semelhanças e diferenças no que se refere à forma e ao significado/função dessas construções em ambas as línguas. A análise permitiu identificar que o nó de construções pseudoclivadas do russo é mais restrito do que o desse tipo de construção em português, no que tange à variação posicional do constituinte focalizado. Isso se deve ao fato de o português apresentar, em sentenças declarativas, domínio potencial de foco mais flexível do que o russo, língua em que a expressão do foco tende a ocorrer preferencialmente em posição final. Dessa forma, é possível sugerir para o russo uma restrição formal motivada por uma restrição funcional, o que faz com que a língua russa apresente apenas pseudoclivadas clássicas.

²¹ Como é possível observar em Kovtunova (1976), Yanko (2001, 2008) e Leite de Oliveira (2017), a expressão do foco em posição não final consiste em um padrão marcado na língua.

As diferenças semântico-funcionais encontradas entre o russo e o português estão em consonância com os pressupostos da Gramática de Construções, cuja ênfase se encontra na variabilidade translinguística. No entanto, a forma como representar as especificações relativas à estrutura da informação na rede construcional (como uma propriedade específica de cada construção ou como construções de estrutura da informação das quais as demais construções da língua herdam propriedades) permanece como uma questão de trabalho importante a ser desenvolvida na continuação da presente pesquisa.

Referências

BOAS, H. *Contrastive studies in construction grammar*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

BOAS, H. E GARCÍA, F. G. *Romance Perspectives on Construction Grammar*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014.

BRAGA, M. L. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. *Matraga*. v. 16, 2009, p. 173-196.

BRAGA, M. L.; LEITE DE OLIVEIRA, D.; BARBOSA, E. M. Gradiência e variação nas construções de foco do português brasileiro. *Caderno de Letras da UFF - Dossiê: Dossiê: Língua em uso no 47*, 2013, p. 29-43

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CHOMSKY, N. Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation. In: Jakobson, R. and Kwamamoto, S. (eds.) *Studies in General and Oriental Linguistics*. Tokyo: T.E.C. Corporation, 1970. p .183-216.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In Ewa Dabrowska and Dagmar Divjak (eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.

FILLMORE, C. J. Syntactic intrusion and the notion of grammatical construction. *BLS11*, 1985,p.73-86.

FILLMORE, C. J., KAY, P. E O'CONNOR, M.C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of Let alone. *Language* 64/3, 1988, p. 501-538.

FRIED, M. ÖSTMAN (eds.): *Construction Grammar in a Cross-Language Perspective*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work –The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HIGGINS, F. R. *The pseudo-cleft construction in English*. PhD. Thesis. Massachusetts Technology Institute, 1973.

HILPERT, M. Comparing comparatives: A corpus-based study of comparative constructions in English and Swedish. In: BOAS, H. C. *Contrastive Studies in Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2010, pp. 21-42.

HOFFMANN, T. The renaissance of constructions: from constructions to Construction Grammar. In: *DANCYGIER, B. (Ed.). The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics*. Cambridge: University Press, 2017.

JESPERSEN, O. *Analytic Syntax*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984 [1937].

JURAFSKY, D. *An On-line Computational Model of Human Sentence Interpretation: A Theory of the Representation and Use of Linguistic Knowledge*. Berkeley PhD Thesis. 1992.

KOPOTIEV, M. What a difference a verb makes! Russian and Finnish verbless sentences. In: NENONEN, M. e NIEMI, S. *Collocations and Idioms 1: Papers from the First Nordic Conference on Syntactic Freezes, Joensuu, May 19-20, 2006, Studies in Languages, University of Joensuu, vol. 41*. Joensuu: Joensuu University Press 2007, 177-192

LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form. A theory of topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Studies in Linguistics, vol. 71, 1994.

LAMBRECHT, K. A framework for the analysis of cleft constructions. *Linguistics* 39.3, 2001, p. 463-516.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol 1: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LEITE DE OLIVEIRA, D. Multifuncionalidade da palavra *eto* implicações para o ensino de russo para estrangeiros. *Rus*, vol II, 2013.

LEITE DE OLIVEIRA, D. *Construções de foco com o marcador eto em russo*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

KOVTUNOVA, I. *Sovremennyi russki iazyk. Poriadok slov i aktualnoie tchlienienie*

priedlojenia. M: Prosviechienie. 1976.

PATTEN, A. *The English it-cleft: A constructional account and a diachronic investigation*. Berlin: De Gruyter Mouton 2012.

PRINCE, E. A comparison of wh-clefts and it-clefts in discourse. *Language* 54, 1978 p. 883-906.

PRINCE, E. On the syntactic marking of presupposed open propositions. In Farley, A., Farley, P., and McCullough, K.- E., eds. *Papers from the Parasession on Pragmatics and Grammatical Theory, 22nd Regional Meeting*, Chicago Linguistic Society. 1986 Pp. 208-22. 1986.

QUAREZEMIN, S. *Estratégias de focalização no português brasileiro: uma abordagem cartográfica*. UFSC, Florianópolis, SC, 2009.

VAN VALIN, R. A typology of the interaction of focus structure and syntax. In RACHILINA, E. V. & TESTELEK, J. G. (Eds.), *Typology and linguistic theory from description to explanation: For the 60th birthday of Aleksandr E. Kibrik*. Moscow: Languages of Russian Culture, 1999, p. 511-524.

VAN VALIN, R. LAPOLLA, R. *Syntax, Structure, Meaning, and Function*. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.

YANKO, T. *Kommunikativnyie strategii russkoi rietchi*. Moskva: Yask. 2001.

YANKO, T. *Intonatsionnyie strategii russkoi rietchi v sopostovitel'noi aspiektie*. Moskva: YaSK. 2008.

Artigo recebido em: 21/07/2017.

Artigo aceito em: 19/12/2017.

Artigo publicado em: 23/12/2017.